

SEMENTES

SIM

Agricultoras e agricultores de Pernambuco e da Paraíba trocam sementes através dos sindicatos da região.

(Página 3)

AGROTÓXICO

NÃO!

Neste número você vai ficar sabendo como se livrar do agrotóxico no plantio de abacaxi, garantindo uma produção de qualidade e mais saudável.

Falando sobre agrotóxicos, o deputado Fernando Ferro denuncia como essas "armas químicas" vêm provocando silenciosamente a morte de agricultores por todo o país.

(Páginas 6 e 7)



Porque apostamos na agricultura familiar

A agricultura familiar, destaque desta edição, também foi tema do calendário 97 do Centro Sabiá, produzido em parceria com o PRORENDA e a FETAPE.

(Páginas 4 e 5)

Editorial

**Correndo atrás...
e na frente.**

No ano passado, a partir de uma grande mobilização dos agricultores e de suas organizações, mais recursos foram garantidos para a agricultura familiar com a conquista do Pronaf - Programa de Apoio à Agricultura Familiar. Inicialmente, representou apenas crédito para o custeio do plantio agrícola - recursos que não chegaram a tempo para a maioria das famílias de agricultores do Nordeste.

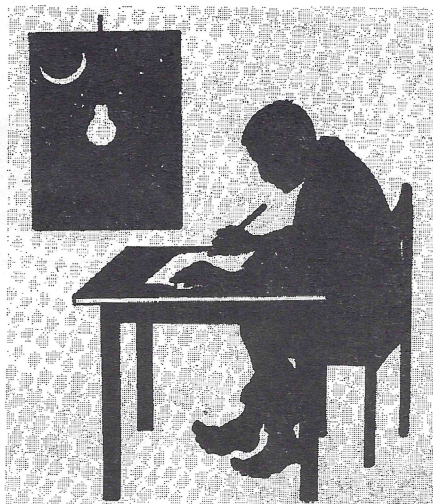
Durante todo o ano de 1996, foram elaborados os Planos Municipais de Desenvolvimento Rural (PMDR), a fim de também se assegurar verbas para investimentos e infra-estrutura. No Brasil, 300 municípios foram contemplados nessa etapa do Pronaf. Em Pernambuco, foram vinte e cinco, dentre eles Bom Jardim, Triunfo e São José de Belmonte, localidades onde o Centro Sabiá trabalha com agricultores familiares.

Este ano, muitos sindicatos do Sertão se mobilizam para recolher propostas para o custeio das lavouras agrícolas. Apesar das incertezas, a esperança é que, desta vez, os recursos cheguem a tempo. Os municípios do Agreste e da Zona da Mata também correrão atrás desse dinheiro.

Atrás e na frente. Na prática, sem a pressão dos agricultores e agricultoras, a quantia de R\$ 1 bilhão que foi destinada ao Pronaf corre risco de ser mal aplicada. Correspondendo aproximadamente à quinta parte dos recursos previstos para safra 97/98, cujo valor total é de R\$ 5,2 bilhões, os recursos do Pronaf são restritos num país de mais de seis milhões de pequenas propriedades agrícolas e com 90% dos municípios se mantendo economicamente através da agricultura, principalmente a agricultura familiar.

Ainda assim, é vital que esta verba se destine ao fortalecimento de um modelo de agricultura que tem condições de produzir alimentos saudáveis, em quantidade suficiente para o abastecimento. A agricultura familiar é esse modelo. E os recursos do Pronaf devem ajudar a reproduzir experiências e tecnologias que aumentem a renda de toda a população rural que trabalha organizada em família.

Só assim poderão surgir maiores oportunidades econômicas e de participação para quem pratica a agricultura familiar, reforçando a luta por reforma agrária ampla, contribuindo para uma melhor distribuição de renda no país e para a recuperação de boa parte das áreas degradadas pela agricultura "moderna".

**Cartas****Calendário**

Querida equipe do Centro Sabiá, acabo de receber o bellissimo e instrutivo calendário "Agricultura Familiar: Plantando Cidadania e Desenvolvimento no Campo". Vou mostrá-lo à CPT Diocesana e fixá-lo no Centro de Treinamento de Carnaíba, para que muitas pessoas possam vê-lo e aprender suas lições. Na Bahia, neste ano, vamos comemorar os 100 anos da destruição de Canudos pelas tropas do Governo.

Vão os votos de muitos frutos no trabalho, em 1997.

D. José Rodrigues C. SS. R.
Bispo de Juazeiro (BA)

Agrofloresta

Sou aluno do curso de agronomia e participo de um projeto de extensão denominado "Educação Florestal e Controle da Desertificação", atendendo escolas de 1º grau e produtores rurais.

Gostaria de receber diversos materiais didáticos sobre agrofloresta, viveiros florestais, monocultura, etc. Também gostaria de saber o endereço do agricultor e pesquisador Ernst Göstch.

João Barbosa Filho
Centro de Ciências Agrárias -
Campus II - Areia (PB)

Prosa no rádio

Através do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Remígio consegui dois exemplares do jornal "Dois Dedos de Prosa". Além da assinatura, gostaria de reproduzir as informações no Programa "O Homem e a Terra", realizado pela UFPB/Centro de Ciências Agrárias, na Rádio Bruxaxá, de Areia. Tenho interesse em saber da existência de outros programas de rádio com pautas rurais e também desejo indicação de literatura sobre comunicação rural.

Ney Vital
Areia (PB)

Saudações ecológicas

Temos recebido seu caprichado periódico. Aqui vai o nosso muito obrigado! Nos impressiona a boa qualidade das terras aí nessa região, onde são colhidas bonitas frutas.

Temos repassado o seu jornal ao nosso sindicato rural. Saudações Ecológicas e, que 97 esteja como gostam. Aprendam esperanto.

George O. Vaske
São Sebastião do Caí (RS)



DOIS DEDOS DE PROSA

Informativo nº 22 - Março de 1997

**CENTRO DE
DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO SABIÁ**
Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite
CEP 50.070-390 Recife - PE
Teléfax (081) 423 8775

Equipe Técnica:
Avanildo Duque, Flávio Duarte,
Joseilton de Sousa, Adeildo
Fernandes, Marleide Irineu,
Kurt Habermeier, Marcos
Figueiredo, Paula Andrade
e José Aldo dos Santos.

Editoração e Diagramação:
Jorge Hugo Verdi

Ilustrações: Domingos Sávio

Circulação: Marleide Irineu

Jornalista responsável:

Paula Andrade

(Reg. Prof. 2.214 DRT/PE)

Apoio: ICCO, DED, Misereor
e Ministério do Meio Ambiente.

Trocando boas sementes

Agricultoras e agricultores de Pernambuco e da Paraíba trocam sementes através dos sindicatos

Avanildo Duque



Não ter sementes em quantidade e em qualidade no momento certo de plantar é um problema antigo para os agricultores familiares. Por causa disso, às vezes os prejuízos são grandes, principalmente quando o período chuvoso é pequeno.

Esse problema foi bastante debatido no "Curso sobre Agricultura Sustentável", realizado no município de Triunfo, em Pernambuco, e organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e pelo Centro Sabiá. Participaram agricultoras, agricultores e técnicos dos municípios de Triunfo, São José de Belmonte, Santa Cruz da Baixa Verde e Serra Talhada, em Pernambuco, e de Princesa Isabel, na Paraíba.

O objetivo principal dos participantes do curso foi estudar como podemos coletar, tratar, armazenar e plantar sementes e estacas de **interesse para a agricultura familiar**, especialmente na implantação de um *sistema de produção*

agroflorestal. Neste caso, aumenta a dificuldade para conseguir as sementes que desejamos, pois é necessário uma grande variedade de plantas, incluindo árvores da própria região, que quase nunca são plantadas.

Buscando enfrentar o problema, os participantes trocaram sementes numa "feira" que realizaram já durante o curso e fizeram um levantamento das sementes que possuíam e dos tipos que faltavam, mas desejavam plantar. Todos indicaram aquelas que poderiam ceder ou arranjar no seu município para quem precisava, de acordo com o levantamento.

Cada participante se comprometeu a enviar as sementes para Onofre, diretor do STR de Serra Talhada, indicando o município e a pessoa que iria receber. Esse município foi indicado para acolher as sementes dos outros lugares por ser mais central e servido de transporte para diversos locais. Onofre se encarregou de enviar as sementes que recebesse para cada

interessado, através dos sindicatos de cada município.

Também foram escolhidas duas pessoas por cidade para acompanhar essa troca de sementes. Além disso, cada participante do curso recebeu uma cópia do levantamento feito, para que todos pudessem ajudar no controle do trabalho.

RESULTADOS

Três meses depois de iniciada, a experiência vem dando bons resultados. "Funcionou! É uma boa maneira de conhecer as sementes que a gente não conhece, diz Edmilson, de Triunfo. Ele já enviou amendoim para Princesa Isabel e recebeu sementes de acerola e mamão e de outros tipos, que serviram para outros agricultores da Associação.

Para Onofre, "tudo está bem encaminhado: as pessoas estão assumindo e cumprindo o que foi planejado". Ele mandou sementes de gergelim para Triunfo e Princesa Isabel e recebeu sementes de Sabiá, das duas variedades. Na opinião de Zélia, de Santa Cruz da Baixa Verde, "a idéia é boa porque vem dando resultado. Ela dá certo porque cada município tem pessoas de referência. É uma forma de cada um ter acesso a sementes de outros lugares".

Como todos estão animados para continuar esta troca de sementes, já pensam em ampliá-la para mais agricultores nos municípios da região e até para locais mais distantes.

"Queremos terra

Kurt Habermeier

A mensagem do Forum das Organizações Não Governamentais define bem a luta do movimento sindical de trabalhadores rurais e das entidades de assessoria que os apóiam, garantindo que a construção de uma agricultura familiar sustentável está presente em todo o mundo.

O reconhecimento da agricultura familiar, como fornecedora de alimentos e como base para o desenvolvimento municipal, está ganhando espaço na sociedade brasileira. Isso devido à pressão do movimento sindical e do trabalho das organizações não governamentais. Os trabalhadores rurais organizados vêm conquistando até programas governamentais de apoio à agricultura familiar, a exemplo do Programa de Apoio à Agricultura Familiar - Pronaf.

Mas como construir um modelo de agricultura familiar sustentável, no sentido de satisfazer as necessidades não só da presente geração, mas também das gerações futuras, dos nossos filhos, netos e bisnetos?

Todos nós sabemos que a agricultura familiar tradicional, baseada no desmatamento, no fogo e na enxada, não é sustentável. O enfraquecimento da terra leva a colheitas cada vez mais reduzidas e nem permite a sobrevivência das famílias no campo. Tampouco a agricultura moderna pode ser considerada sustentável, já que utiliza adubos químicos, agrotóxicos e máquinas; depende de insumos externos e caros; e utiliza práticas

Arquivo DDP



que degradam o solo e aceleram a poluição do meio ambiente.

A experiência do Centro Sabiá, nos seis municípios de Pernambuco e da Paraíba - onde atua em parceria com as organizações dos agricultores -, já confirma as múltiplas vantagens do novo modelo de agricultura sustentável, que está sendo experimentado por um número crescente de pequenos produtores.

No plantio agroflorestal, esses agricultores e agricultoras combinam lavouras de subsistência, culturas comerciais e fruteiras com as plantas e árvores nativas, de forma a chegar a uma produção altamente diversificada. Deste jeito, em vez de explorar, degradar e poluir a natureza, contribuem para conservar e recuperar o solo, as fontes de água e a vegetação do lugar.

Harmonizando práticas de cultivo com os processos da natureza, a mulher e o homem agricultor favorecem um aumento da vida na sua propriedade, bastante visível na

fertilidade do solo, na prosperidade das plantas, na fartura das colheitas e no reaparecimento de animais da fauna local. A agrofloresta, além de permitir inúmeros consórcios de culturas de acordo com o ecossistema natural e as preferências de quem planta, também contribui para a integração da criação animal e da apicultura.

Uma outra grande vantagem deste sistema de produção é que não necessita de recursos externos e maquinaria, como adubos, venenos e tratores, o que significa menos gastos de energia e transporte, e portanto menos poluição do ambiente. O resultado é que o agricultor quase não tem despesas com a produção, a não ser com algumas sementes e mudas, quando não consegue através da troca com outros agricultores (veja matéria sobre o assunto nesta edição).

O plantio agroflorestal aproveita melhor a mão-de-obra familiar, pois o trabalho é distribuído de forma mais

para viver em paz"

equilibrada durante o ano e a parte das tarefas pesadas e monótonas vai diminuindo.

A agricultura sustentável precisa das habilidades e talentos de toda a família, tanto dos homens como das mulheres; tanto dos adultos como dos adolescentes. Todos encontram novas possibilidades de emprego e renda no quintal agroflorestal, seja na horta, na criação animal, na apicultura, na preparação de fruta-passa e doce caseiro, ou em diversas outras atividades.

A produção garante a alimentação da família com produtos diversificados e saudáveis, o que significa uma

produção e consumidores, e para encontrar mecanismos que garantam uma melhor remuneração do trabalho dos agricultores. Apesar disso, está claro que o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável abre ao agricultor, à agricultora e aos jovens que estão no campo a perspectiva de conquistar melhores condições de vida e a plena cidadania.

Surge assim, e aos poucos, a visão de uma economia local forte e integrada nos níveis municipal e microregional, baseada numa sociedade mais participativa e democrática, em

realização deste sonho encontra obstáculos enormes. Será necessário uma caminhada longa de todas as inúmeras entidades e movimentos da sociedade civil, de Norte a Sul do Brasil.

De mais longé, ouvimos recentemente a voz unânime do Forum das Organizações Não Governamentais, realizado em Roma, Itália, que reuniu mais de 1.200 organizações do mundo inteiro. Juntas, elas indicaram à Cúpula Mundial da Alimentação uma declaração afirmando o direito humano fundamental à alimentação, para assegurar uma vida digna, ativa e saudável.

Propuseram um modelo de ação baseado na descentralização econômica e política, salientando que é preciso reforçar a capacidade dos agricultores familiares, incluindo as mulheres e os jovens. Reforçaram que todos os aspectos da alimentação e da agricultura devem ser orientados em favor dos pequenos produtores e deve-se aplicar imediatamente uma reforma agrária em favor dos pobres rurais que necessitam trabalhar na terra. Também frisaram que é preciso transformar o modelo agrícola, a partir dos princípios da agricultura ecológica. Para tanto, apontaram a necessidade de reforçar, em todos os níveis, a participação das organizações populares e não governamentais.

Tudo foi resumido na mensagem: **"queremos terra para viver em paz"**. Enfrentando as dificuldades do dia-a-dia em cada experiência agroflorestal e em cada ação local, é bom ouvir isso: tomamos consciência que fazemos parte de um movimento global rumo à uma agricultura familiar sustentável.

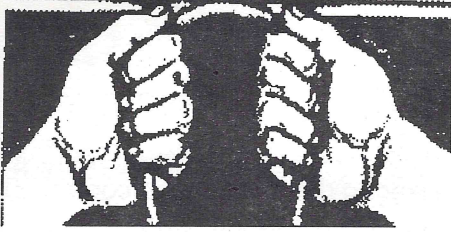
grande economia. Além disso, pode-se comercializar os excedentes ou as culturas comerciais específicas - sempre que possível de forma beneficiada - para melhorar a renda. Esse é o complemento necessário à transformação do sistema de produção.

A nossa intervenção nessa área ainda está iniciando e será necessário muita criatividade e organização para aproximar

desafio ao atual modelo de desenvolvimento que concentra a terra, a riqueza e o poder nas mãos de uns poucos. Para isto é preciso um grande esforço de organização e um reforço das lutas pela reforma agrária, por melhores serviços e infraestrutura no campo, por políticas públicas voltadas para o desenvolvimento rural sustentável.

Estamos cientes que a

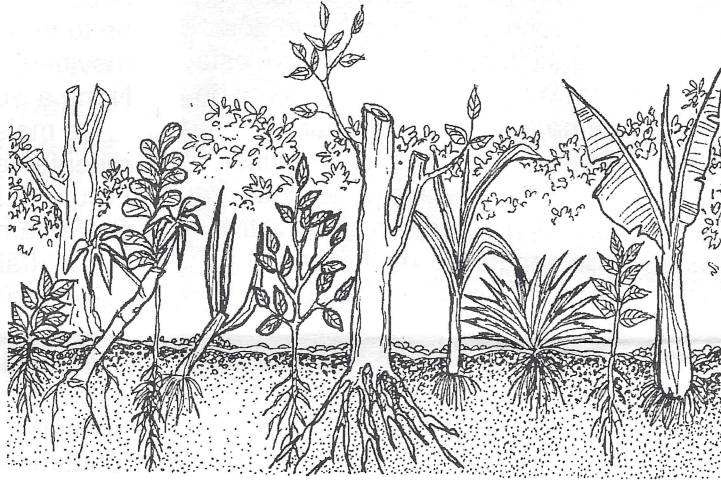




Como fazer... plantio agroflorestal de abacaxizeiro

Joseilton de Sousa

Em algumas regiões, o abacaxizeiro é uma das culturas comerciais mais importantes para a agricultura familiar. Acontece que o cultivo tradicional apresenta vários problemas, desde o preparo do solo, com desmatamento e queimada, até o uso intensivo de agrotóxicos e grande incidência de doenças, deixando como resultado final um produto altamente contaminado.



sistema "de luxo" (onde o solo é altamente fértil, a água abundante, etc) conseguirá produzir melhor onde tiver mais matéria orgânica.

Para a produção da matéria orgânica plantamos entre as mudas de abacaxi a maniva de macaxeira e a cada lado das fileiras de abacaxizeiro uma fileira de capim elefante, ótimo companheiro do abacaxi. Entre as fileiras do capim

Atualmente, agricultores inovadores começam a cultivar o abacaxi de uma forma diferente. Eles não usam agrotóxicos e trabalham pela conservação do solo e da vegetação do lugar, garantindo a sustentabilidade do sistema de produção. Com isso, no final de cada colheita eles conseguem produtos de ótima qualidade.

A receita é simples. Na prática do cultivo vem em primeiro lugar o preparo do solo. Se for uma área de capoeira, é feita uma capina do mato velho e um corte dos galhos secos das árvores, entre os meses de setembro e outubro. Tudo é deixado sobre o solo para cobri-lo e também para rejuvenescer a capoeira. No mês de fevereiro seguinte, fazemos uma poda da vegetação existente, tendo a preocupação de deixar as árvores do futuro, árvores que produzem boa madeira. Em seguida, é feito o plantio das mudas de abacaxi com o espaçamento tradicional.

Os companheiros do abacaxi

É importante lembrar que o abacaxizeiro cresce em vários tipos de solo, mas sendo uma planta pioneira de

elefante colocamos estacas de árvores frutíferas, como a jaqueira e o cajazeiro, ou então o sombreiro, que é outro grande companheiro do abacaxi. Se as condições do solo permitir, podemos plantar também o milho, o feijão e a cana. Todas as sementes de árvores devem ser plantadas bem juntinho de cada muda de abacaxi. Escolha os lugares melhores para as mudas de bananeiras.

No caso de uma terra sem árvores, começamos o trabalho de preparação do solo com um roço e só depois plantamos as mudas de abacaxi.

Para melhorar o solo fazemos plantio de capim elefante, cana, leucena, guandu, amora, feijão de porco, papoula e crote.

Nos lugares onde se acumula um pouco de matéria orgânica plantamos muitas sementes de árvores, especialmente frutíferas, como a pitombeira, o cajueiro e o abacateiro, fazendo o mesmo esquema da organização do plantio indicado para o sistema de capoeira.

Assine "Dois Dedos de Prosa"

Envie o cupom ao lado para o
CENTROSABIÁ
Rua Esperanto, 479
Ilha do Leite - CEP 50070-390
Recife - PE.

Desejo fazer uma assinatura anual do informativo **Dois Dedos de Prosa**. Estou enviando:

- Cheque Nominal ou • Vale Postal
- em favor do Centro de Desenvolvimento Agroecológico SABIÁ
- Assinatura Normal: 10 Reais • Assinatura p/ agricultor ou estudante: 5 Reais

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Tel: _____ Nasc.: _____ Data da Inscrição: _____

Uma questão de vida ou morte

Fernando Ferro*

A partir de meados dos anos 60 foi introduzido no Brasil um conjunto de técnicas que teriam como objetivo ampliar a produção agrícola. Era a "agricultura moderna", que chegava ao nosso país no bojo da chamada "Revolução Verde", um programa desenvolvido pelas indústrias do primeiro mundo, em parceria com o Órgão das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

O agricultor que pretendia ser "moderno" deveria partir para monocultura, utilizar mecanização agrícola, sementes selecionadas, fertilizantes químicos, agrotóxicos.

De todos os males trazidos por essa Revolução Verde, o agroquímico talvez tenha sido o pior, pois o que é veneno veio mascarado como "defensivo agrícola" e até mesmo como "remédio"! Foi divulgado como auxiliar do agricultor e solução para todas as pragas da agricultura. Só não foi dito ao produtor rural que o agrotóxico foi criado para matar gente na Segunda Guerra e que é natural que continue matando as pessoas.

Portanto, todos os cursos ofertados pela Emater sobre "utilização correta de defensivos agrícolas" são inúteis, uma vez que o agricultor não é das forças armadas, e muito menos especialista em arma química, para lidar com isso.

Governo e indústria, no entanto, uniram-se e passaram a culpar o produtor rural pelos acidentes na manipulação dos venenos. E com isso têm lavado as mãos diante do genocídio que ocorre no país. Um assassinato mantido em segredo.

Embora o Brasil consuma mais de 200 mil toneladas de agrotóxicos por ano, o Ministério da Saúde não sabe quantos produtores estão contaminados! Nem quer saber! Porque poderia assustar o agricultor. Afinal, se todos os agrotóxicos são venenos, é de se esperar que em maior ou menor grau todos que lidam com agrotóxicos tenham algum tipo de contaminação.

Nem sempre a intoxicação ocorre de

Foto: CAE



forma aguda. Muitos produtores passam os dias com dores de cabeça que não cessam, náuseas constantes, diarreias, feridas na pele, impotência... E não associam ao uso de agrotóxicos. Igualmente as mulheres têm abortos ou geram filhos com má formação (teratogenia) e não imaginam que isto resulta do "remédio" que os extensionistas mandaram aplicar na roça. Morrem homens, mulheres e crianças, sem saber que foi devido ao "defensivo agrícola". Não sabem que estão na fronteira entre a vida e a morte.

Diante dessa situação, estamos com uma série de ações na Câmara dos Deputados visando coibir o genocídio de trabalhadores rurais. Entre essas ações, demos entrada em quatro Projetos de Lei.

O primeiro, obriga o empregador a realizar exames periódicos no seu empregado exposto a agrotóxicos. O segundo, cria a função de "responsável técnico" nos armazéns e revendedoras de produtos agropecuários. Outro projeto proíbe em todo país a produção, comercialização e uso do Metamidophós - uma substância que funciona como princípio ativo do Taron, um agrotóxico que provoca

má formação em recém nascidos e é causador de depressão. O quarto Projeto exige treinamento em aplicação para usuário de agrotóxicos.

Realizamos também audiência pública em Pernambuco para conhecer os problemas locais e estamos criando uma Proposta de Fiscalização e Controle (PFC) para investigar as ações do Governo nesta área.

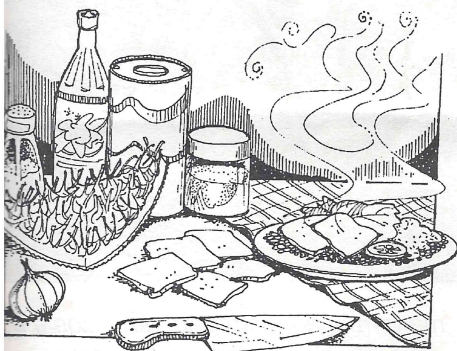
No nosso país, temos muitos exemplos de produtores isolados ou de organizações não governamentais que desenvolveram técnicas orgânicas e ecológicas de produção, que não trazem riscos à saúde do trabalhador. Em Pernambuco, merece destaque o trabalho desenvolvido pelo Centro Sabiá, pelo Caatinga (em Ouricuri), pelos trabalhadores de Chã Grande ou por Seu Valdemar (em Orocó), entre outros. Essa gente dispense recursos, tempo e energia pesquisando tecnologias, quando caberia ao Estado dar esse apoio através da Embrapa. E apesar do sucesso da agroecologia, o Governo não oferece linha de crédito para quem lida com isso.

* Fernando Ferro é Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores de Pernambuco.



Versos e prosas

Vigário de Jaca



Receita de Lenir Pereira
Comunidade de Inhamã,
Abreu e Lima - PE.

SOMBREIRO

Se você precisa da sombra de uma árvore, mas tem pouca paciência para vê-la crescer, o sombreiro é a árvore que você precisa.

De tronco curto, variando em altura de 6 a 12 metros, ele ajuda muito na recuperação dos solos, pois produz boa quantidade de matéria orgânica. A grande infiltração de suas raízes afofa a terra e mantém mais água no solo.

Nas experiências agroflorestais, o sombreiro combina muito bem com o abacaxizeiro e a bananeira, e serve como forrageira para caprinos. Também pode ser consorciado com a cana e plantas frutíferas em geral.

A madeira é fácil de trabalhar e pode ser usada na fabricação de caixotes, brinquedos, forros e outros utensílios da casa. É de média resistência e não muito durável quando empregada em construções que devem agüentar



sol e chuva, como as cercas.

Para conseguir as sementes do sombreiro, colhe-se as vagens assim que começam a abrir, levando-as em seguida para o sol, onde completam a abertura e liberam as sementes.

Semente armazenada não presta. O ideal é plantá-las logo, em locais com alguma sombra e no início das chuvas. Depois, deve-se fazer as mudas de cada árvore a ser plantada.

Ingredientes:

Mangará da Jaca

Óleo

Temperos: cominho, alho, colorau, limão ou vinagre e sal

Modo de Preparar

Descasque o mangará da jaca, corte em fatias e coloque para esquentar na água com uma colher de óleo. Em seguida, amacie as fatias com um batedor de carne e coloque os temperos. Deixe descansar por 10 minutos para absorver o tempero.

Coloque o óleo na frigideira para aquecer e depois vá fritando as fatias.

Ao final, o mangará da jaca terá se transformado em um delicioso bife.

Campanha contra queimadas

A queimada ainda é uma prática bastante comum para agricultores que querem facilitar a limpeza do terreno e o plantio. No município de Bom Jardim (PE), alguns derrubam a capoeira e queimam. É a chamada broca. Outros, colocam fogo em grandes áreas, visando ao aparecimento de pasto para os animais.

O que todos não sabem é que esta prática contribui, e muito, para o empobrecimento dos solos de suas propriedades, levando à uma baixa produção, ao surgimento de pragas e doenças nas lavouras, e ainda provocando o desaparecimento das plantas nativas e de muitos animais da nossa fauna.

Preocupado com tudo isso, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jardim promoveu, pelo terceiro ano consecutivo, a "Campanha Contra as Queimadas e Por Mais Produção".

A intenção do sindicato é sensibilizar os agricultores e agricultoras para os sérios prejuízos causados pela queimada, através da distribuição de panfletos informativos e da realização de encontros regionais nas comunidades.

A comissão de agricultura do Sindicato teve este ano, como nos anteriores, um papel importantíssimo na Campanha, pois também divulgou um jeito novo de fazer agricultura, com resultados econômicos positivos e sem agredir o meio ambiente.